

Ainda com ar de pioneira

por **Beth Cataldo**
de Brasília

A diferença de Brasília, identifica Antônio Fábio Ribeiro, está justamente nas pequenas iniciativas que ainda marcam uma cidade que não perdeu o ar de pioneirismo. É nos empreendimentos de porte reduzido e sustentados por enorme esforço pessoal que ele aposta suas fichas no futuro. Nada que se assemelhe ao discurso das poderosas federações de indústrias que se concentram nas regiões mais desenvolvidas do País.

“Temos que despertar o espírito empreendedor”, prega o presidente da entidade brasiliense, com o sotaque que denuncia sua origem goiana. Ele tem inúmeras histórias para contar de funcionários públicos aposentados que o procuram para saber como montar um negócio próprio com o dinheiro das indenizações trabalhistas. Ou aqueles que estão preocupados em iniciar na vida empresarial os filhos que já não terão mais chances de se empregar numa estrutural estatal em crise e falida.

Para esses casos, Ribeiro é capaz de indicar receitas variadas e, de quebra, exibir, aos 52 anos, os conhecimentos práticos que a vida lhe proporcionou longe dos gabinetes burocráticos. Um bom começo, indica, é olhar para as cidades da região geoeconômica do Distrito

Federal, o chamado Entorno.

O barro de ótima qualidade de Padre Bernardo pode gerar, com poucos investimentos, um pólo de fabricação de cerâmica, telhas, potes artesanais e outras especialidades. Em Alexânia e Abadiânia, a vocação está na palha e é possível imaginar pequenas maravilhas — cestos, balaies, bolsas — com essa matéria-prima. Cristalina e Pirinópolis, além do turismo, oferecem pedras preciosas com fartura e variedade. E Corumbá pode ser um grande produtor de derivados de leite.

Esses nomes pouco conhecidos entre os dezesseis municípios localizados no Entorno compõem o que ele chama de “Baixada do Cerrado”, numa alusão que poderia parecer cheia de maus presságios em relação à realidade dramática da Baixada Fluminense. Mas o empresário não quer é ver repetir-se em Brasília os transtornos sociais da antiga capital federal. O caminho do estímulo à pequena e média empresa é exatamente, segundo ele, a resposta para os desafios de proporcionar emprego e vida digna aos habitantes dessas cidades ainda incipientes do ponto de vista econômico.

Ele, que gosta de repetir com uma ponta de orgulho ter viajado pelo mundo todo, lembra que o problema do desemprego é universal. E não se deve esperar

soluções para o contingente de desempregados nas indústrias de grande porte, que cada vez se automatizam mais e eliminam gente, ou em soluções paternalistas que o Estado não pode mais oferecer.

O Estado, aliás, para quem enxerga Brasília como uma ilha cercada de todos os lados pela presença estatal, não merece um lugar de destaque nas propostas defendidas pelo empresário. Seu discurso, nesse tema, não destoa muito de outras lideranças empresariais do País. Na sua opinião, é preciso desregulamentar a atividade econômica, com a confiança de que os investimentos privados podem construir a nova etapa da história da capital.

Mas as facilidades criadas em Brasília por governos dos tempos de bonança ainda são fortes atrativos para imigrantes desqualificados e com poucas perspectivas de ascensão em seus locais de origem. Mais uma vez a solução reiterada por Ribeiro são as pequenas empresas, que favorecem, acrescenta, a qualificação da mão-de-obra através de estratégias simples e eficazes.

E por que não repetir nas modestas cidades do Entorno de Brasília a experiência de sucesso de pequenas cidades européias que vivem da fama de seu artesanato?, pergunta o empresário.